

---

# REFLEXÕES SOBRE UM POSSÍVEL PERFIL DO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Prof. Silvino Santin

## INTRODUÇÃO

Inicialmente quero fazer duas observações. A primeira para dizer que não tenho nenhuma pretensão de traçar o perfil, nem mesmo um perfil do profissional do curso de educação física, mas, apenas, apresentar algumas reflexões sobre, como diz o título, um possível perfil, talvez, mais corretamente dito, possíveis perfis. Insisto na palavra possível, ou possíveis no plural, porque não confio muito num modelo, acredito que cada um tem o direito de definir seu perfil. Ao curso caberia oferecer condições e informações para desenhá-lo. Preciso, também, sublinhar que essas minhas reflexões sobre o perfil de profissionais de cursos, não são recentes, ao contrário, encontram raízes de mais de duas décadas vindas, inclusive, de outros cursos, como de Filosofia e de Medicina.

A segunda observação diz respeito ao termo profissional. Não me parece o mais correto, talvez, fosse melhor dizer egresso, formado, diplomado. Ainda mais que, hoje, se faz distinção entre o professor e o profissional, razão das duas modalidades, bacharelado e licenciatura. Profissão é uma determinada ocupação da qual se tira a própria subsistência, o professor, também, seria um profissional. Bom, mas esta é uma questão acadêmica que não me parece fundamental.

Para melhor entender a preocupação crescente com o perfil do profissional em educação física vou lembrar, rapidamente, que, ao me envolver na área da educação física em 1983, já havia um acalorado debate sobre a identidade da educação física e o perfil do profissional formado. Dois pontos apareciam com destaque. O primeiro questionava o currículo, cujo conteúdo tinha como base a formação militar. Dois, dos primeiros cursos no Estado, o da ESEF-UFRGS e o do CEFD da UFSM, nasceram com forte vinculação militar. Aliás, não se pode esquecer que foi a partir do golpe militar que a educação física se fortaleceu graças a uma obrigatoriedade legal.

O segundo ponto desses debates caracterizava-se pela denúncia da subserviência da educação física à ditadura militar. Falava-se num professor politicamente alienado. As expressões eram contundentes como “muito músculo e pouco cérebro” ou “muita massa física e pouca massa cinzenta”. Para completar essas expressões havia a representação de um indivíduo sobre um pedestal com um corpo enorme e uma cabeça ínfima.

Hoje o debate na educação física abrange, no meu entender, três domínios. O primeiro é o da educação. A educação física, como as palavras dizem, é uma ação pedagógica. O segundo busca uma segurança científica. A educação física necessita para sua auto-afirmação constituir-se em ciência. O terceiro introduz o mercado de trabalho. A sociedade atual oferece, sem dúvida, um crescente mercado de trabalho. Eu diria que não se trata de privilegiar ou de excluir, mas, ao contrário, é fundamental articular os três domínios.

Para completar essa minha introdução, penso ser fundamental lembrar o que, há algum tempo, quando se pensava em prever os rumos do século XXI, que haveria três prioridades para garantir o desenvolvimento e a sobrevivência da humanidade. E parece que continuam com toda validade.

A primeiríssima prioridade seria a área da informação. Tal prioridade não se concentraria apenas nos avanços científicos e tecnológicos dos meios de comunicação. O enfoque central

sublinhava a necessidade de estar a par de todos os acontecimentos, especialmente no domínio das pesquisas mais avançadas. Numa palavra simples, estar bem informado científica, histórica, cultural e politicamente. Estar bem informado significa estar corretamente informado, o que não é uma tarefa muito fácil diante do processo reinante de informações desinformantes.

A Segunda prioridade seria a ecologia. Se não salvarmos a nossa casa (óikos) o planeta Terra estaremos nos auto-destruindo. As preocupações ecológicas deveriam concentrar-se em três esferas, que Deleuze reúne numa tríplice ecologia. A ecologia natural, que nos coloca em comunhão com a natureza; a ecologia social ou cultural, que nos mostra nossa união umbilical coma ordem sociocultural à qual pertencemos; e por fim a ecologia existencial, que nos convida a respeitar a vida que está em nós.

A terceira prioridade apontada foi a educação física. Essa parece ter suas raiz na ecologia existencial. À educação física caberia a tarefa de cultivar o ser humano em seu modo de ser corporal. Parte-se do princípio que a condição humana é corporal, o que não significa reduzi-lo à matéria física. A educação física estaria no centro das lutas pela qualidade de vida. Parece óbvio que se não soubermos cuidar de nós mesmos dificilmente cuidaremos do social e da natureza.

Ainda, antes de entrar diretamente no tema, levanto uma questão: De onde parte a exigência de se pensar o perfil do profissional em Educação Física, eu diria, de qualquer profissional? Pela minha maneira de entender a questão essa exigência tem duas fontes. A primeira fonte é a demanda social, a segunda é o saber.

Então, vejamos. Todo curso visa formar um profissional para desenvolver uma atividade vinculada às necessidades da ordem social. Portanto, começa, de um lado, com a compreensão do ser humano, de outro lado, com o sistema social vigente, isto é, a ordem econômica, política e cultural. Assim, muito horizontalmente, podemos reconhecer, como nos diz Agnes Seller, que somos portadores de dois blocos de necessidades. No primeiro bloco temos, segundo a autora, as necessidades de tipo alienado, que são as necessidades de poder, de dinheiro, de consumismo, de acumulação de coisas. São necessidades quantitativas que nunca são plenamente satisfeitas. No segundo bloco estão as necessidades que tem a ver com as raízes do ser humano. São necessidades qualitativas: necessidade de introspecção, de amizade, de amor, de brincadeira, de convivência. Para completar essa classificação de Agnes Seller. Pareceu-me muito sugestivo lembrar uma atitude de Domenico Demasi. Na abertura do computador, antigamente estaria sobre o birô, aparece este provérbio espanhol: **El ombre que trabaja pierde un tiempo precioso**. (Lazer numa sociedade globalizada p. 136.) Não sei se a minha conclusão é correta, mas me parece que somos levados pela ideologia da era industrial a concentrarmos todos os nossos esforços para satisfazer as necessidades do primeiro bloco, esquecendo as do segundo.

Aqui caberia uma segunda pergunta, qual desses dois blocos de necessidades humanas deveriam ter prioridade para a educação física?

A segunda fonte da exigência de se pensar o perfil do profissional da educação física está no conjunto de saberes ou conhecimentos indispensáveis para corresponder à demanda social. Na verdade esta segunda fonte é uma decorrência natural da primeira fonte. É evidente que um bom profissional precisa ter competência para satisfazer as necessidades existentes na sociedade, hoje, resumidas na expressão mercado de trabalho. E essa competência, em grande parte, se acredita que depende do domínio sobre conhecimentos científicos. Assim, os cursos definem um conjunto de conhecimentos julgados indispensáveis para formar um profissional de uma determinada área de atuação no mercado de trabalho.

A educação física precisa definir o seu conjunto de conhecimentos. Talvez, não sejam só científicos.

Depois desta longa introdução, que eu julguei fundamental para melhor entender a parte central desta minha reflexão. Volto a repetir, não significa que vocês sejam obrigados a concordar no que vou dizer. Depois de mais de duas décadas de pensar e viver a educação física, inicialmente, a contragosto, depois, com muita paixão. Acredito que seja possível traçar o perfil de um profissional a partir de três bases.

## 1. FORMAÇÃO HUMANA OU CIDADÃ

Um bom profissional começa pela formação da pessoa como ser humano. Sartre nos lembra que nossa fisionomia, isto é, nossa identidade é construída pelas nossas escolhas e decisões. Nós somos o que somos pelo nosso querer. Embora a sociedade atual insista em nos identificar como produtores e consumidores, peças eficazes de um sistema de produção, ainda temos espaço para reagir, caso cultivemos nossa capacidade de resistir.

Essa formação humana ou cidadão começa pelo desenvolvimento da capacidade maior do ser humano, a de pensar. Escreveu Blaise Pascal lembrando a fragilidade do ser humano: **O homem é um caniço, mas é um caniço pensante.**

Ninguém se atreve negar a possibilidade do homem pensar, assim como todos proclamam o direito do homem pensar. De fato, não encontramos pessoas que duvidem da possibilidade de pensar, entretanto, não é muito difícil observar que nem todos exercem o direito de pensar. Mas será que o direito de pensar é exercido? Será possível eliminar esse direito?

Na prática parece que nem sempre se exerce o direito de pensar. E, também, parece haver conspirações para neutralizá-lo. Há várias maneiras de não exercer o direito de pensar. A primeira é a recusa das próprias pessoas de querer pensar. Preferem pensar com a cabeça dos outros. A segunda maneira é através de uma educação que não deixa pensar. Ela ensina apenas modelos de pensar, ou o pensamento dos outros. Diz Edgar Morin que “a possibilidade de pensar e o direito ao pensamento são recusados pelo próprio princípio de organização disciplinar dos conhecimentos científicos e pelo fechamento da filosofia sobre si mesma”. Nestes casos basta lembrar duas passagens da obra *Extensão e Comunicação* de Paulo Freire. A primeira diz que “uma coisa é 4x4 na tabuada, que deve ser memorizada; outra coisa é 4x4 traduzidos na experiência concreta: fazer quatro tijolos quatro vezes” (p.52); a segunda, “o melhor aluno de filosofia não é o que disserta “*ipsis litteris*” sobre doutrinas filosóficas dos filósofos. O melhor aluno de filosofia é o que pensa criticamente sobre todo este pensar e corre o risco de pensar também”. (p.53). A terceira maneira de negar o direito de pensar, talvez, a mais perversa esteja nas previsões de Marvin Minsky, Professor de Informática da Universidade de Stanford e um dos fundadores da área de Inteligência Artificial do Instituto de Tecnologia de Massachussets. Segundo ele dentro de algumas décadas teremos desenvolvido máquinas dotadas de inteligência geral de um ser humano médio. Essas máquinas inteligentes, com o tempo, assumirão sua própria educação até alcançarem o nível de gênio, assim seu poder será incalculável, a tal ponto que teremos sorte se elas resolverem nos conservar como animais domésticos. Mas para Skinner a questão seria outra. Ele afirma que “O verdadeiro problema não é saber se as máquinas pensam, mas descobrir se os homens o fazem”.

Seja como for, independentemente do que dizem os outros, mesmo que sejam cientistas, cada um de nós poderá constatar se pensa.

Depois apontar a possibilidade de pensar e o direito de pensar como os dois primeiros pilares de formação humana pessoal, vou recorrer às idéias de Humberto Maturana, um biólogo chileno de renome internacional, referentes à educação. Conta ele, em seu livro *Emoções e Linguagem* na

Educação e na Política, que foi convidado para responder a esta pergunta: A educação atual serve ao Chile e à sua juventude? A resposta, dada por ele, deveria basear-se em dois pontos, a sociedade e a sala de aula.

Da resposta de Maturana eu selecionei uma passagem por entendê-la como a melhor maneira de expressar essa primeira base de definição do perfil de um profissional. Aqui está a citação literal: “Logo no início dos meus estudos universitários, reunimo-nos todos os estudantes do primeiro ano para declarar nossas identidades políticas. Quando isso aconteceu, o que me pareceu sugestivo foi que, na diversidade de nossas identidades políticas, havia um propósito comum: devolver ao país o que estávamos recebendo dele. Vivíamos nosso pertencer a ideologias diversas como diferentes modos de cumprir com nossa responsabilidade social de devolver ao país o que havíamos recebido dele num compromisso explícito ou implícito de realizar a tarefa fundamental de acabar com a pobreza, com o sofrimento, com as desigualdades e os abusos”.

Vou continuar com as idéias de Maturana seguindo livremente seu texto. A situação e as preocupações dos estudantes de hoje, diz ele, mudaram. Hoje, os estudantes se encontram no dilema de escolher entre o que deles se pede, que é preparar-se para competir no mercado profissional. A diferença que existem entre preparar-se para devolver ao país o que se recebeu dele, trabalhando para acabar com a pobreza, e preparar-se para competir no mercado de trabalho é enorme. Trata-se de dois mundos completamente distintos. No momento em que uma pessoa se torna estudante para entrar na competição profissional, ela faz de sua vida estudantil um processo de preparação para participar num âmbito de interações que se define pela negação do outro, sob o eufemismo: mercado da livre e sadia competição. A competição não é nem pode ser sadia, porque se constitui na negação do outro. A competição sadia não existe. A competição é um fenômeno cultural e humano, e não constitutivo do biológico. Como fenômeno humano, a competição se constitui na negação do outro. Observem as emoções envolvidas nas competições esportivas. Nelas não existe a convivência sadia, porque a vitória de um surge da derrota do outro. O mais grave é que, sob o discurso que valoriza a competição como um bem social, não se vê a emoção que constitui a práxis de competir, que é a que constitui as ações que negam o outro. (Emoção e Linguagem na Educação e na Política p.12-13).

Aproveito para sublinhar a noção de competição, tanto sob o ponto de vista sociocultural como sob o ponto de vista biológico, certamente isto exige, no mínimo uma reflexão séria, e, no meu entendimento, uma revisão radical.

Percebo esta formação humana pessoal como desenvolvimento de autonomia e de heteronomia. Pela autonomia cada um desenha sua fisionomia e traça seu destino. Pela heteronomia cada um descobre que na proclamação de sua autonomia ele, necessariamente, deverá respeitar os outros. Sem o outro, ele não é o que se declara ser.

Nesta tarefa da construção de si mesmo é possível recorrer a um rico conjunto de produções humanas, entre elas, destacaria a arte, a literatura, a pintura, a poesia, a música e a dança. Ao lado destas criações poéticas colocaria, também, as assim denominadas ciências humanas. Por exemplo, a história nos dá uma visão de todo o processo evolutivo da humanidade, seja em suas linhas gerais, seja em suas diferentes etapas. Sem as diferentes histórias dificilmente conseguimos nos situar no momento presente, inclusive frente às ciências que, hoje, nos determinam o nosso modo de ser e de pensar.

Agora, depois desta visão rápida sobre a formação humana pela qual nos tornamos cidadãos conscientes, podemos descrever a segunda base na qual se inspira o núcleo duro de qualquer perfil profissional da era das ciências e da tecnologia. Isto acontece, no dizer de Emanuel Carneiro Leão, porque é a ciência que determina o ser e a verdade do real. Ela é o elemento em que se decide o destino da história humana. (Aprendendo a pensar p. 11).

## 2. FORMAÇÃO CIENTÍFICA

Segundo meu modo de pensar a formação científica não começa pela aprendizagem das ciências, mas pela compreensão do processo de produção ou construção de conhecimentos. Isto significa dizer que precisamos começar pelo conhecer do conhecer ou pela observação do observar do observador. Neste sentido recorro às palavras de Edgar Morin: “É impressionante que a educação que visa a transmitir conhecimentos seja cega quanto ao que é o conhecimento humano, seus dispositivos, enfermidades, dificuldades, tendências ao erro e à ilusão, e não se preocupe em fazer conhecer o que é conhecer. (Os sete p. 13-14).

O segundo passo da formação científica se dá ao reconhecer que a nossa cientificidade moderna é uma produção história, que começa com Galileu Galilei (564-1642) no século XVII. Francisco Varela define com muita precisão a ciência como uma invenção histórica. “Cada época da história da humanidade produz, pelas suas práticas sociais quotidianas e pela sua linguagem, uma estrutura imaginária. A ciência é uma parte integrante dessas práticas sociais e as teorias científicas da natureza representam apenas uma dimensão dessa estrutura imaginária. (Francisco Varela, - Conhecer - As Ciências Cognitivas Tendências e Perspectivas. p. 9). Portanto, cada época define os critérios de cientificidade, todos os saberes que não se enquadram nestes critérios, são excluídos.

Vou lembrar rapidamente que o modelo das nossas ciências é um modelo mental linear. Ele define os procedimentos básicos. Em primeiro lugar, A só pode ser igual a A. Tudo o que não se ajustar a essa dinâmica fica excluído. É a lógica do “ou/ou”, que deixa de lado o “e/e”, o que significa excluir a complementaridade e a diversidade. Essa lógica levou à idéia de que se B vem depois de A com alguma frequência, B é sempre o efeito, e A é sempre a causa. Temos a causalidade simples.

Esse modelo mental linear cartesiano, base de toda ciência empírica, tem como ponto de partida que existe uma única realidade. A realidade sendo única deve ser percebida da mesma forma por todos os homens.

Diante da proclamação em cada época de um modelo de construção de ciência, Varela reconhece nisto uma dimensão sociopolítica da ciência. É óbvio, diz ele, que, sendo uma atividade social, a ciência é atravessada por correntes de poder que dão a algumas das suas vozes mais autoridade do que a outras.” (Varela p.12). É assim que podemos compreender porque muitos saberes são excluídos como não sendo confiáveis.

O terceiro passo é reconhecer com os cientistas, em número cada vez maior, os limites das ciências modernas. A literatura sobre o assunto é muito ampla. Por exemplo, no século XX, na Europa, surgiram importantes contribuições na estrutura conceitual daquilo que chamamos ciências cognitivas, e que são muitas vezes ignoradas. Estou a pensar mais precisamente no movimento fenomenológico, nomeadamente em Husserl e em Merleau-Ponty. Eles exploram questões cognitivas fundamentais. Infelizmente, ficaram praticamente afastadas da ortodoxia cognitivista e as idéias que trouxeram são re-introduzidas como sendo novidade. Hoje se fala da intencionalidade das ciências inspirada na intencionalidade de Husserl e o papel da percepção no ato de conhecer em Merleau-Ponty.

Neste sentido volto a citar Maturana quando afirma que a opção pela Razão como guia da humanidade se deu emocionalmente. “As premissas fundamentais de todo sistema racional, segundo ele, são não-rationais, são noções, relações, distinções, elementos, verdades, ...que aceitamos a priori porque nos agradam. Quer dizer, todo sistema racional tem um fundamento emocional. Pertencemos, no entanto, a uma cultura que dá ao racional uma validade transcendente, e ao que

provém de nossas emoções, um caráter arbitrário. Por isso é difícil para nós aceitarmos o fundamento emocional do racional, e pensamos que isso nos expõe ao caos da irracionalidade, onde tudo parece ser possível”. (Op. Cit. P. 52)

Diante do que foi dito pode-se concluir com toda legitimidade que a educação física escolhe as ciências que lhe interessam para organizar o seu currículo, responsável pela definição do perfil que ela forma.

Novamente vou apelar para uma resumida revisão histórica, talvez, por ser muito resumida, questionável. Vou lembrar as ciências que foram ou são a base dos cursos de educação física.

**A física** é o primeiro modelo de ciência moderna, adotado por todas as ciências, inclusive as humanas. Caso a definição auxilie, aqui lembro uma: “Física (1708), ciência que estuda as propriedades gerais da matéria e estabelece as leis que dão conta dos fenômenos como linguagem, a geometria, como forma representativa e o movimento dos corpos como a dinâmica das relações físicas. Com isso as figuras geométricas se tornam indispensáveis e os cálculos matemáticos descrevem as relações entre os traços ou linhas das figuras geométricas que representam o movimento dos corpos celestes. Acredito que para comprovar isso seria suficiente lembrar a grande obra de Galileu Galilei, o Diálogo sopra i due massimi sistemi del mondo (Diálogo sobre os dois grandes sistemas do mundo). Nele, para quem leu, sabe que as figuras geométricas, os cálculos e as medidas são a base de todo o raciocínio para descrever, fundamentar e explicar o Heliocentrismo. O objeto é o movimento dos corpos celestes e não a composição interna dos corpos. Não a composição dos corpos. Se tivesse se preocupado com isso teria, certamente, percebido que o corpo humano é vivo, portanto, diferente dos corpos não vivos.

**A biologia** surge como a segunda ciência que busca explicar o corpo vivo, em particular o corpo humano. Uma definição, talvez, oferecer algum apoio. Foi elaborada no início do século XIX. Biologia (1802), Ciência que tem como objeto de estudo os fenômenos comuns a todos os seres vivos, animais e vegetais.

Um dos esforços decisivos para retirar o corpo humano do monopólio da física foi feito por Vesale. Ele quis demonstrar que a vida é fundamental para a compreensão do corpo humano. Deve-se estudar, dizia ele, o corpo vivo, não o cadáver. Aqui seria possível introduzir a longa e tumultuada história das anatomias que começa desde os tempos primitivos, embora com finalidades totalmente diversas.

A biologia trouxe para a educação física um outro referencial de estudo do corpo humano, embora ainda muito submisso à física. Acredito não cometer um grave erro se disser que a primeira contribuição substancial estaria na Biomecânica. Entretanto, em meu livrinho, A biomecânica entre a vida e máquina, eu pergunto quanto há nela de bio (vida) e quanto de mecânica (máquina).

Com os grandes avanços da biologia molecular na área da genética e da engenharia genética, a biologia, certamente, está revolucionando as bases científicas da educação física, especialmente no que se refere às práticas esportivas e à construção - ou seria geração? - de atletas. Mas, também, poderá ser importante para acompanhar o crescimento equilibrado das pessoas, o desenvolvimento da massa física óssea e muscular, a manutenção de uma vida saudável e a influência do meio ambiente.

**A química**, embora herdeira da alquimia, no meu entender, completa o tripé de sustentação científica da educação física atual. E para não mudar de procedimento aqui está uma definição. Química é a ciência que estuda a constituição dos diversos corpos, de suas transformações e de suas

propriedades.

A bioquímica poderia ser a correspondente da biomecânica como a parcela da química a entrar na educação física. Não pretendo afirmar categoricamente, mas me parece que, ainda, não encontrou um espaço significativo nos currículos. Ousaria dizer, talvez, sem razão, que a química e a bioquímica marcam uma presença maior através do uso de drogas químicas, sejam lícitas ou ilícitas. Seria uma heresia afirmar que a educação física assumiu o constrangimento de ter que se alinhar na luta contra o doping mais do que valer-se delas para garantir sua cientificidade?

Essas três ciências mantêm uma afinidade muito estreita porque sua compreensão da realidade é dominada pelas leis da física. A mudança, apenas para citar, começa a se esboçar com a física quântica e a biologia molecular.

A partir destes avanços, especialmente na biologia molecular, surgem novas tendências e novas alternativas de cientificidade. Isto abre novos caminhos para a educação física.

### **Outras alternativas científicas**

Hoje, sem dúvida, abre-se um imenso campo de investigação e de atuação para a educação física, especialmente na área da biologia (neurociências e genética), da bioética, da ecologia e das teorias da informação. Essas ciências levaram vários cientistas a pensar em novos paradigmas, como da auto-organização, dos sistemas auto-referidos, da complexidade, do caos, e da ordem pelo ruído. Tal atitude abriu espaço para outros saberes e outras metodologias.

Na biologia, por exemplo, encontramos uma nova explicação da estrutura dos seres vivos. Humberto Maturana, autor já citado várias vezes, é o que, no meu entender, oferece a melhor explicação. Depois de muito investigar em busca de um conceito que explicitasse a dinâmica da estrutura dos seres vivos, humanos ou não, encontrou o termo *autopoiese*, que significa auto-construção e auto-organização. Essa idéia levou Maturana a falar dos seres vivos como “sistemas auto-referidos, São sistemas nos quais seu operar somente faz sentido em rela. Todo ser vivo, enquanto um sistema auto-referido, possui em si mesmo o princípio de seu próprio desenvolvimento, o que dispensa qualquer ação externa.

Desta maneira, esses sistemas auto-referidos se opõem aos sistemas alo-referidos, que são sistemas elaborados pelos seres humanos.

Num segundo momento, ainda dentro das pesquisas biológicas e como decorrência da idéia de *autopoiese* e graças ao fato de que Marvin Minsky, já citado, e seus colegas do laboratório de Inteligência Artificial, em suas pesquisas sobre robótica, usavam como modelo os fenômenos biológicos, surge a teoria de que a estrutura *autopoética* se sustenta como um sistema comunicacional. Aqui acontece um afastamento das leis da física e uma aproximação com as leis da informática. Heinz Von Foerster, biofísico vienense, professor da Universidade de Ellinois, afirma que as leis de biologia escrevem-se por si mesmas, dao contrário das leis da física que são os homens que as escrevem. Hoje encontramos um número crescente de defensores da tese de que a organização de um sistema vivo acontece como um programa comunicacional. Edgar Morin afirma “que a reprodução pode ser concebida como uma cópia de uma mensagem, quer dizer uma emissão-recepção entrando no quadro da teoria da comunicação. O mesmo processo pode ser verificado no funcionamento da célula, onde o ADN constitui uma espécie de programa orientando e governando as atividades metabólicas”. (Introdução ao Pensamento Complexo p. 31)

Com a introdução da idéia de que as estruturas vivas se auto-organizam seguindo as leis da informação, surge um elemento, de alguma maneira, potencialmente ambíguo. Trata-se do conceito de ruído. Segundo as teorias da comunicação o ruído é algo que dificulta, desvirtua ou impede o processo de emissão/recepção. Mas segundo Heinz Von Foerster, esse fenômeno inspirou o novo

paradigma da ordem pelo ruído. Em outras palavras, o desenvolvimento e a evolução dos seres vivos se daria por um processo de ordem/desordem. O que dá espaço para o livre-arbítrio, isto é, condições de escolha.

É no contexto das idéias de auto-organização e de programa comunicacional que entra o paradigma da complexidade. E isto é simples de verificar, talvez, muito difícil de descrever, isto porque os biólogos nos dizem que há bilhões de moléculas numa célula, que o cérebro humano é composto de 10 bilhões de células, e no organismo há 30 bilhões e mais 100 bilhões de neurônios, ainda que nem todos sejam operacionais. E todos esses elementos agem e interagem constantemente.

O paradigma da complexidade permite, segundo seus defensores, entender os processos autopoieticos, isto é, auto-construtores, auto-sustentadores, auto-gestionários, dos quais todos os seres vivos, humanos ou não, se constituem como exemplos.

O pensamento complexo é encontrado em vários autores, cujos trabalhos vêm tendo ampla aplicação em biologia, sociologia, antropologia social e desenvolvimento sustentado. Uma de suas principais linhas é a biologia da cognição de Maturana, que sustenta que a realidade é percebida por um dado indivíduo segundo a estrutura (a configuração bio-psico-social) de seu organismo num dado momento. Essa estrutura muda constantemente de acordo com a interação do organismo com o meio.

Na esteira dos novos paradigmas, acima expostos, a ecologia e a bioética tornam-se ciências fundamentais.

Os movimentos ecológicos, de todos conhecidos, embora parte deles seja muito superficial, não se pode negar lhes a importância. Eles representam uma nova visão de Terra e de mundo. A palavra ecologia foi criada em 1866 pelo biólogo alemão Ernst Haeckel dando-lhe o significado de “estudo do inter-retro-relacionamento de todos os sistemas vivos e não-vivos entre si e com o seu meio ambiente. O meio ambiente passou a ser entendido como a casa (oikos). Inicialmente era um subcapítulo da biologia. Hoje se tornou um discurso universal que concentra sua força na preservação do meio ambiente e na manutenção do equilíbrio da natureza no interior do eco-sistema que é o planeta Terra.

Todo ser vivo é um eco-sistema que pertence a outros eco-sistemas. Assim o ser humano é um eco-sistema que tem sua própria ecologia. A ecologia humana pode ser desdobrada em ecologia ambiental, cuida do meio ambiente; a ecologia social, visa a inserção harmônica no meio cultural; e a ecologia mental, trata do equilíbrio da vida pessoal.

A bioética é a continuidade da ecologia, entretanto ela é considerada a grande ciência do momento. Nela estão depositadas as esperanças de qualidade de vida da humanidade. Inicialmente, pelos anos 70, ela se referia aos procedimentos médicos em relação aos seus pacientes. Depois passou a preocupar-se com os procedimentos científicos e técnicos na intervenção e transformação de seres vivos. Mais recentemente, e especialmente entre os países periféricos, a bioética está sendo estendida também a outras questões da vida humana como, a exclusão social e os direitos a uma vida de qualidade.

Em resumo, a bioética seria a ciência que visa respeitar a dinâmica da vida. A vida tem em si mesma seu próprio projeto de desenvolvimento. Ela se auto-cria. Mas a vida não é uma entidade abstrata, ela se manifesta em cada ser vivo.

Diante destas novas tendências das ciências fica cada vez mais claro que o universo não é comanda somente por forças físico-químicas, como foi proclamado pelos empiristas, existem outras forças que não se sujeitam às lógicas racionais. Existem outras lógicas, outras energias, outras lógicas que exigem outras metodologias.



O tema exigiria muito mais espaço e tempo, mas vou resumir recorrendo a Henri Atlan porque mantém um diálogo permanente entre a pesquisa científica e a tradição ancestral, isto é, entre a racionalidade científica e a sabedoria espiritual. Para ele há duas metodologias, uma a da tradição talmúdica, que se liga à tradição bíblica, uma tradição de investigação que tem por objetivo o conhecimento da estrutura do Universo, e não gostaria, diz ele, de assimilá-la às tradições espiritualistas. Encontramos neles o que esses textos chamam de divindade, mas com uma função precisa, diferente daquilo que a consciência religiosa habitual imagina. Ela não contradiz o meu procedimento científico, pois não se opõe ao método experimental científico, é apenas diferente. Ambos permitem colocar e recolocar os problemas da significação da estrutura do Universo relativamente ao homem, a sua vida interior e social, especialmente frente ao não previsível e não-reprodutível.

Tudo isso que foi dito nos leva a novos saberes, talvez, não tão novos. A novidade está na sua aceitação. A referência central destes novos saberes, talvez, possa ser colocada no conceito genérico de Holismo. O holismo nos dá uma visão muito geral, mas acredito poder dar uns exemplos.

Em primeiro lugar quero lembrar a homeopatia, uma sabedoria médica alternativa à medicina convencional. Mas a maior herança de saberes, tidos como pouco ou não-científicos nos vem da sabedoria oriental. Citaria com destaque a acupuntura. Uma sabedoria milenar. Apenas como curiosidade, quero apresentar a definição de dicionário: Acupuntura denominação de tratamento médico, de origem chinesa muito remota, sem base científica, que consiste em picar com agulhas “magnéticas” uma sucessão de pontos da pele que constituem as “linhas de força vital”. Interessante observar a expressão: “sem base científica”. Hoje, a medicina se apropriou da prática de acupunturista, entretanto esses conhecimentos não foram construir dentro das metodologias das ciências ocidentais.

Na mesma linha se podem citar procedimentos terapêuticos baseados em energias presentes no universo e que é possível acessá-las através da imposição das mãos, da mentalização, da meditação ou do emprego de aromas.

Será que aqui não se poderia recuperar o significado etimológico de física. Para nós, habitualmente o termo física é referente à matéria. Mas ao considerarmos o sentido original da palavra “físico” que em grego, significa “força”, esta produz o movimento que se revela na matéria que em última análise, é somente a substância graças à qual as forças podem manifestar-se. (Do Caos à Inteligência Artificial p. 199). Por isso, para os gregos “Physis” é a força primordial, ou a fonte primordial de toda realidade, incluídas as divindades.

Essas últimas referências, provavelmente, para os cientistas, não passam de credices, sem fundamento racional e científico. Por isso, para fechar esses novos saberes vou lembrar uma palavra de Einstein, o famoso físico da lei da relatividade. Ele empregou a palavra *Fingerspitzengefühl* para dizer que há um conhecer que acontece na ponta dos dedos, como forma de sentimento. É algo que se sente.

### **3. FORMAÇÃO ESPECÍFICA**

A formação específica coloca o profissional no mundo de sua intervenção ou ação pedagógica. O referencial, aqui, passa a ser o universo de sua futura atividade. No caso da licenciatura é a escola. Aqui o profissional se chama educador.

A formação específica diz respeito, precisamente, a aqueles requisitos que dão as condições de colocar em prática o que se aprendeu e para apresentar o perfil que foi construído durante os anos de formação. Agora o cidadão de conhecimentos se reconhece como educador.

Acredito ser dispensável lembrar que o educador é mais que um professor. Também, não quero polemizar, mas entendo o educador aquele professor que é capaz de transmitir além de que conhecimentos, experiências de vida, isto é, atitudes e condutas. O seu relacionamento deve ser também convívio. Infelizmente a escola de hoje parece estar reduzida ao processo de ensino/aprendizagem de conteúdos cognitivos. Desta maneira o profissional da educação coloca o conhecimento como o elo de ligação com o seu mundo exterior. Quando se fala em educador é fundamental que se pense em outro cimento que aproxima e une as pessoas, é o da solidariedade orgânica, existencial. Neste sentido nada melhor do que ouvir as palavras de Humberto Maturana: “O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço da convivência. O educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca”. Aqui vejo a repetição da pedagogia de Paulo Freire, Ninguém educa ninguém; Ninguém se a si mesmo. Todos se educam reciprocamente.

O convívio existencial, ou a solidariedade orgânica, vai além das relações funcionais, estabelecidas pelo processo de ensino/aprendizagem que acontece na esfera do cognitivo. Ele se estabelece na esfera do amor. Neste sentido quero lembrar, mais uma vez, Humberto Maturana. “O central da convivência humana é o amor, as ações que constituem o outro como legítimo outro na realização do ser social que tanto vive na aceitação e respeito por si mesmo quanto na aceitação e respeito pelo outro. A biologia do amor se encarrega de que isso ocorra como um processo normal se se vive nela. O conhecimento por si só não muda ninguém, mas o amor

Diante destas belas palavras de Maturana se pode perguntar, mas como se obtém a capacidade de ajustar-se aos diferentes domínios sociais, culturais e ambientais das instituições escolares? Seria preciso saber tudo desde o começo. Certamente não, responde Maturana, o que se exige é uma postura reflexiva e criativa no mundo em que se vive. Se aprendi a compreender e respeitar meu mundo, seja qual for, o campo ou a cidade, as classes abastadas ou as pobres, o branco ou o preto, a criança, o adulto ou o idoso, o normal e o portador de necessidades especiais, posso compreender e respeitar o mundo dos outros e assim desenvolver qualquer tipo de atividade não só a educacional

A formação específica deve proporcionar as informações necessárias para construir uma aula. Pode-se chegar na aula carregando uma mercadoria embalada, mas se pode, também, construir ou inventar a aula. Também, se pode antecipar a imagem dos alunos, mas é possível começar dialogando com eles para se criar uma convivência solidária.

Tais possibilidades nos levam a buscar as ciências que mostram os passos a serem dados para um bom relacionamento. Talvez, aqui, o melhor referencial seja a sabedoria de Einstein, aquela que é construída pelo sentir da ponta dos dedos.

A escola não é freqüentada por indivíduos iguais. Há muitas diferenças. As diferenças passam pela idade, pela situação econômica, pela cor, pelo gênero, pela maneira de pensar, pelo desempenho escolar, etc. O respeito a todas essas diversidades, certamente, é o ponto central da ação pedagógica que a formação específica deve proporcionar.

Para a educação física tudo começa pela eco-alfabetização corporal. A eco-alfabetização corporal por aceitar-se e respeitar-se a si mesmo. Quem não se aceita e não se respeita a si mesmo é incapaz, no dizer de Maturana, de aceitar e respeitar o outro. Portanto o educador, com maior razão o educador da educação física, deve ter-se eco-alfetizado corporalmente para poder desenvolver a eco-alfabetização corporal. Julgo importante insistir que a auto-aceitação e o auto-respeito não se fundamentam em princípios cognitivos, mas no amor. Escreveu Maturana: O amor é a emoção central na história evolutiva humana desde o início, e toda ela se dá como uma história em que a

conservação de um modo de vida no qual o amor, a aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, é uma condição necessária para o desenvolvimento físico, comportamental, psíquico, social e espiritual normal de toda criança, assim como para a conservação da saúde física, comportamental, psíquica, social e espiritual do adulto e do idoso.

Acredito que o profissional da educação física, talvez, tenha maiores condições de compreender as palavras de Maturana, pois sua ação se dirige diretamente à condição humana de um ser um ser corporal. Lembro, mais uma vez, não o corpo apenas objeto material, mas a realidade plena do ser humano. Diante disto, fica claro que o corpo não pode ser reduzido a um instrumento para se alcançar fora dele, mas a nossa própria existência a ser desenvolvida. Seguindo por esse caminho acaba-se por reconhecer que nossa corporeidade nos constitui, define o nosso ser e o nosso existir, portanto, o corpo não deveria ser visto como limite, mas como a fonte de todas as nossas possibilidades.

## **CONCLUSÃO**

Para concluir, quero dizer que não sou muito entusiasta de um modelo de perfil universalmente válido, e acredito que a maioria pensa assim, mas apenas em referenciais orientadores para que se possa traçar e inventar o perfil exigido pelas circunstâncias históricas e socioculturais.

Desta forma a escolha das disciplinas, das ciências das metodologias ou das teorias pedagógicas, deve resultar de uma observação contínua sobre os avanços científicos e tecnológicos, sobre as exigências das demandas sociais e sobre as necessidades das pessoas. E objetivo principal seria garantir as informações fundamentais para que cada um consiga viver a plenitude da cidadania pela auto-estima e pela qualidade de vida.

Eu destacaria cinco pontos para que o profissional da educação física seja eficiente e consciente.

- Primeiro, ser capaz de situar a educação física no contexto das ciências;
- Segundo, saber o que significa a educação física para sua vida pessoal;
- Terceiro, saber como a educação física pode contribuir para formação das pessoas;
- Quarto, qual seria o lugar da educação física na educação escolar;
- Quinto, ser consciente do compromisso social da educação física diante das demandas sociais de qualquer ordem.

Por fim, diria que o compromisso com o perfil profissional, antes de ser um compromisso das instituições, é um dever de cada um, pela simples razão que o perfil de uma pessoa está mais para o emocional do que para o racional. A escolha que faço da minha imagem ou do meu estilo de vida não é racional, mas emocional, isto é, porque gosto, porque me agrada. Aqui relembriaria Sartre: Eu sou aquilo que defini o que quero ser.

Prof. Silvino Santin

Santa Maria, 28 de junho de 2004.